

SOCIOINTERACIONISMO NA CONTEMPORANEIDADE – A FACE NAS REDES SOCIAIS

SOCIO-INTERACTIONISM IN CONTEMPORANEITY - THE FACE IN SOCIAL NETWORKS

Marcelo Velloso GARCIA¹, Vitor Castelões GAMA²

¹ Mestrando em Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Letras Inglês pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Letras com ênfase em ensino de inglês como língua adicional. E-mail: marcelovg91@gmail.com

² Doutorando em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura - PósLit - da Universidade de Brasília (UnB). Atualmente pesquisa sobre a Literatura Fantástica, em especial a Ficção Científica Brasileira e Internacional. Também demonstra interesse nas interseções entre a literatura e as outras artes (cinema e música) e na literatura eletrônica. E-mail: vitorcasteloesgama@hotmail.com

RESUMO: Este artigo, partindo de dados gerados por um questionário, visa investigar a aplicabilidade dos conceitos de *Face* (GOFFMAN, 1967; 1999) e FTAs (BROWN; LEVINSON, 1999) (Face threatening acts – atos de ameaça à face) em atitudes características do meio digital, neste caso: o ato de fazer, desfazer e ter ligações sociais desfeitas. A questão motivadora deste texto, assentada em linha de pesquisa sociointeracionista, se liga aos processos internos criados entre dois (ou possivelmente mais) interagentes ao firmar uma ligação em rede social e, também, de repercussões da dissolução da mesma para os envolvidos. Buscamos saber, então: a influência de ordem física e psicológica dos envolvidos no ato de fazer, desfazer, ou ter ligação digital desfeita e o quão aplicáveis são os conceitos de Goffman, Brown e Levinson (1999) a fim de investigar possíveis desdobramentos teóricos além dos de ordem prática.

Palavras-chave: Interação. Digital. *Face*. Facebook. Redes Sociais.

ABSTRACT: This paper, based on data generated by a questionnaire, aims to investigate the applicability of the concepts of *Face* (GOFFMAN, 1967; 1999) and FTAs (BROWN; LEVINSON, 1999) (Face threatening acts) in attitudes characteristic of the digital environment, in this case:

the act of making, undoing and having broken social connections. The motivating question of this text, set in line with social interactionist research, is linked to the internal processes created between two (or possibly more) interactors by establishing a social network connection and, also, the repercussions of its dissolution for those involved. We seek to know, then: the influence of physical and psychological order of those involved in the act of making, undoing, or having undone digital connection and how applicable are the concepts of Goffman, Brown and Levinson (1999) in order to investigate possible theoretical developments beyond those of practical order.

Keywords: Interaction. Digital. Face. Facebook. Social Networks.

1. INTRODUÇÃO

As interações digitais vêm sendo tópico cada vez mais frequente de debate. Ética, direito e filosofia são exemplos de áreas que têm se questionado sobre a natureza do mundo digital e, ainda, sobre os aspectos que as interações se aproximam ou diferenciam do nosso dia a dia material. A linguística, especificamente a sociolinguística interacional, também é um dos campos que procura saber mais sobre os mecanismos internos destas interações.

Sob a ótica interacional, decidimos analisar redes sociais e, inicialmente, partimos desta pergunta: *websites* como facebook e instagram funcionam como mecanismos de validação de relações reais? Recorremos a autores como Giddens (2003) e Culpeper, et al.

(2017), que demonstram diferentes aplicações para os conceitos de polidez, *face* e interações digitais de toda sorte, seja ao interagir com *bots*³ ou mesmo, romanticamente, através de *salas* de conversa online para este fim. Percebendo que alguns atos não-verbais não estavam elencados em meio a estes trabalhos, nos questionamos - como se aplicam, nestes ambientes, as dinâmicas de preservação da *face* e de ameaça a ela⁴ de maneira não verbal? Quais as implicaturas que estas podem causar no mundo real?

Adiantamos que não nos sentimos confortáveis para lançar uma afirmação quanto ao assunto mesmo que haja muitos outros tipos de interação online com desdobramentos no mundo real, como processos por ameaça, injúria, calúnia ou difamação, todos FTAs à *face*. A polidez virtual, diferentemente da real, ainda

³ Linhas de comando para responder à interação humana de maneira específica e pré-determinada, e.x.: chats de atendimento com respostas prontas para parecer um atendente real online.

⁴ FTAs – face threatening acts.

é algo em desenvolvimento e sua definição é de natureza complexa. Para exemplificar o quanto recente este assunto ainda é, tomemos o marco civil da internet, Decreto nº 12.965, de 23 de abril de 2014, medida que responsabiliza os usuários de uma rede digital e estabelece a possibilidade de regulamentação estadual, começou a ser discutida em 2010 e foi instaurada somente em 2014. Podemos tomar isso como um indicativo do quanto desregradas as redes sociais eram e ainda o são. Decidimos por aguardar mais uniformidade interacional e/ou legislativa nas redes antes de lançar postulados categóricos. Nossos dados nos levam a crer, no entanto, que o conceito de face e as FTAs digitais têm um peso quase tão relevante quanto suas versões reais.

Perante tais considerações, para realizar nossa pesquisa isolamos um ato não-verbal característico do mundo digital – o ato de fazer e desfazer ligações sociais – e tentamos aplicar os conceitos de Goffman (1967; 1999) e Brown e Levinson (1999) aliados a aspectos que consideramos intrínsecos desta interação. Em nossa análise investigamos aspectos da *face* digital, de FTAs digitais e possíveis desdobramentos na vida real.

2. APLICABILIDADE DOS CONCEITOS

Para tratar de sua aplicabilidade, é de suma importância entender os conceitos de *face* e FTAs. Nas palavras de Erving Goffman, fundador deste conceito:

O termo *face* pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente clama para si por conta da linha que ela tomou durante um contato particular. A *Face* é uma imagem de si delineada de acordo com atributos sociais aprováveis — sendo assim uma imagem que outros podem partilhar, como quando uma pessoa demonstra atitudes positivas de seu trabalho ou religião, evidenciando boas ações de si mesmo⁵ (GOFFMAN, 1999, p. 299 – tradução nossa).

Logo, estamos tratando de atitudes referentes à criação de uma identidade social e também à manutenção da mesma. O conceito anterior, inicialmente cunhado por Goffman em 1967, sofreu revisões ao longo das décadas e, em 1999, Brown e Levinson, estudiosos vinculados à Pragmática, propuseram novas terminologias para a *face* e também para os atos de agressão de à *face* (GOFFMAN, 1999).

As atualizações quanto ao conceito de *face* lidam com os desejos dos interagentes. A partir da interpretação de como estes desejos podem se ligar aos envolvidos numa interação, os autores desdobraram o conceito em *face negativa* e *face positiva*. A *face negativa*, segundo os autores (1999) lida com “as necessidades territoriais básicas, preservação pessoal e direitos a não-distração, e.x.: liberdade de ação e liberdade de imposição” (BROWN; LEVINSON, 1999, p.312, tradução nossa)³. Já a *face positiva* é mais alinhada

⁵ “The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes — albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself.” (GOFFMAN, 1999, p. 299).

ao conceito de face original de Goffman, em que esta trata “da consistente imagem positiva, ou personalidade, incluindo o desejo de que esta autoimagem seja apreciada e aprovada pelos interagentes” (BROWN; LEVINSON, 1999, p.312, tradução nossa)⁶ envolvidos que é, ou pode ser, requerida por eles. Sendo assim, eles também propõem o conceito de FTAs, que pelos autores:

Dado o pressuposto da universalidade da face e da racionalidade, é uma questão de intuitiva que certos atos ameaçam à face intrinsecamente, especificamente aquele que por sua natureza divergem dos desejos da face do destinatário e/ou falante. Por ‘ato’ nós temos em mente o que é pretendido através de comunicação verbal ou não-verbal, assim como um ou mais ‘atos de fala’ podem ser designados a um enunciado.⁷ (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 313 – tradução nossa).

Ademais, os autores elencam uma lista de atos que podem causar ameaças à *face*. Nosso objetivo então é interpretar como o ato de fazer e desfazer uma conexão em rede social se adéqua a esta lista, possivelmente, gerando novos usos e desdobramentos de ordem teórica.

Em princípio, analisamos o pedido de amizade como um ato de manutenção da *face* dada

a sua função social de demonstrar algo positivo. Por exemplo, quando dois interagentes resolvem demonstrar nas redes sociais a relação positiva que mantém na vida real. Em contrapartida, consideramos, igualmente, outras possibilidades ao observar a lista de itens proposta pelos autores já que ambas as partes podem não partilhar do mesmo sentimento quanto ao laço digital. Isto nos traz aos atos nocivos à *face negativa*. Na tabela 1, elencamos os comentários que os autores fazem. S representa o falante e H o destinatário:

Tabela 1: FTAs nocivos à face negativa

(a) Ordens e pedidos (S indica que ele quer que H faça, ou deixe de fazer, algum ato A)
(b) Sugestões, conselhos (S indica que ele acha H deveria (talvez) fazer algum ato A)
(c) Lembretes (S indica que H deveria lembrar-se de fazer A)
(d) Ameaças, avisos, desafios (S indica que ele — ou alguém, ou algo — irá instigar sanções contra H a menos que ele faça A)
(e) Ofertas (S indica que ele quer que H se comprometa e decida se ele quer que S faça algo para H, com H gerando então um possível débito)
(f) Promessas (S se compromete com um ato future para o benefício de H)
(g) Elogios, expressões de inveja ou admiração (S indica que ele gosta ou gostaria de algo de H)

⁶ “Negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction — i.e., to freedom of action and freedom from imposition positive face: the positive consistent self-image or ‘personality’ (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants.” (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 312).

⁷ Given these assumptions of the universality of face and rationality, it is intuitively the case that certain kinds of acts intrinsically threaten face, namely those acts that by their nature run contrary to the face wants of the addressee and/ or of the speaker. By ‘act’ we have in mind what is intended to be done by a verbal or nonverbal communication, just as one or more ‘speech acts’ can be assigned to an utterance. (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 313.)

(h) Fortes expressões (negativas) emocionais direcionadas ao H - e.g.: ódio, raiva, um desejo lascivo (S indica possível motivação para ferir H ou os bens de H)

(BROWN; LEVINSON, 1999, p.313-314, tradução nossa)⁸

Começamos, então, por relacionar o pedido de ligação aos atos (a) - ordens e pedidos – e e (e) – ofertas - listado acima. A natureza desta interação digital começa por um pedido que, se não em ambas as partes, pode atuar em detrimento da liberdade de outrem. Explicamos: o tolhido, talvez, não quisesse dar sequência a relação de coleguismo/amizade real no meio digital, podendo interpretar a proposta de ligação como um item de (a). Em (e) pode ser que aquela ligação exista a fim de promover a manutenção da *face positiva* de somente um dos interagentes, gerando um débito entre o que faz o pedido. Feita a proposição, transtorno é gerado, pois se ameaçaria a *face negativa* daquele que não estaria disposto a prosseguir com o pedido.

Porém, estas incursões estão relacionadas tão somente com os atos que ameaçam a *face negativa*. Quais e como seriam as FTAs que afetariam a *face positiva*? Eis então, uma breve definição pelos autores: “Os atos que ameaçam o querer da face positiva, por indicar (potencialmente) que o falante não liga para os sentimentos, vontades, etc. do destinatário –

relevantemente indicando que ele não quer os desejos de H (...)” (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 314 – tradução nossa) listados, são:

Tabela 2: FTAs nocivos à *face positiva*

1. Expressões de reprovação, crítica, ojeriza ou ridicularização, reclamações e repreensões, acusações, insultos (S indica que ele não gosta/quer um ou mais dos desejos, atos, características pessoais, bens, crenças ou valores de H)
2. Contradições ou desavenças, desafios (S indica que ele pensa que H está errado ou sob mal direcionamento ou que está sendo incompreensivo sobre algo, tais erros relacionados à reprovação) (...)
3. Demonstrações emocionais (fora de controle) violentas (S dá a H possíveis razões para temê-lo ou envergonhá-lo)
4. Irreverência, menção à tabus, incluindo aqueles que são inapropriados a um dado contexto (S indica que ele não valoriza os valores de H e não teme os medos de H)
5. Trazer más notícias sobre H, ou boas novas (como quando se conta vantagem) sobre S (S indica que ele quer causar angústia ao H, e/ou não liga para os sentimentos de H)
6. Trazer à tona tópicos perigosamente polêmicos ou que causam emoções fortes, e.g., política, raça, religião, libertação das mulheres (S traz à tona a possibilidade ou probabilidade de ocorrência de atos de ameaça à face (como os mencionados acima); i.e., S cria uma atmosfera perigosa à face)
7. Gritante falta de cooperação em uma atividade – e.g., interromper a fala de H repetidamente, por meio de comentários fora de turno ou demonstrando falta de atenção (S indica que ele não liga para os desejos das faces negativas ou positivas de H)

⁸ Orders and requests (S indicates that he wants H to do, or refrain from doing, some act A); suggestions, advice (S indicates that he thinks H ought to (perhaps) do some act A); reminders (S indicates that H should remember to do some A); threats, warnings, dares (S indicates that he — or someone, or something — will instigate sanctions against H unless he does A); (...) offers (S indicates that he wants H to commit himself to whether or not he wants S to do some act for H, with H thereby incurring a possible debt); promises (S commits himself to a future act for H's benefit) (...) compliments, expressions of envy or admiration (S indicates that he likes or would like something of H's) expression of strong (negative) emotions toward H - e.g., hatred, anger, lust (S indicates possible **motivation** for harming H or H's goods) (BROWN; LEVINSON, 1999, p.313-314).

8. Uso de pronomes de tratamento e outros tipos de indicadores de status em encontros iniciais (S pode identificar erroneamente H de uma maneira ofensiva ou embaraçosa, intencionalmente ou acidentalmente)

(BROWN; LEVINSON, 1999, p. 314 – tradução nossa)⁹

Atrair estas FTAs a uma ligação em rede social, isoladamente, é uma praticamente impossível. No entanto, notamos que as questões do ato de fazer e desfazer ligações estão ligadas a desdobramentos secundários. Explicamos: ao aceitar um pedido de amizade, por exemplo, um laço do mundo real pode ser reforçado no meio digital; porém, este ato gera outras implicaturas consigo. Estamos falando de interações secundárias que podem agir conforme os FTAs apresentados anteriormente, tais como postagens, comentários, ou interações indiretas, como as que interagentes fazem em fóruns abertos, onde terceiros podem observar as postagens de pessoas com as quais não estão conectados diretamente. Seguindo a linha de exemplificação do autor, tomemos os itens da tabela 2 como base para observar estas correlações:

(1) - irreverência e (6) – levantar tópicos polêmicos: em postagens abertas de críticas ou reclamações de tópicos polêmicos, traçando assim

uma relação ilustrativa com (f) (ver tabela 1), S pode dar início a um FTA quanto a um H qualquer, já que a rede é densa e complexa, por fazer um comentário ou crítica a uma determinada medida da esfera política que H considera benevolente – FTA que ameaça o item (1) – e também uma atmosfera perigosa – item 6 – que pode macular a *face positiva* daquele interagente para outros observadores.

Desdobramentos por conta de uma interação envolvendo as questões acima podem resultar por trazer todos os tópicos (2), (3), (4) e (8) de uma só vez; como no exemplo anterior, em que o gatilho base da interação seria (1), partindo do pressuposto que a interação não se encerrou, (2) – contradições de toda sorte – e (4) – irreverência - são sequências plausíveis.

A primeira como possível interação referente ao item (1); Já (4) poderia se manifestar como possível interação, inicial ou responsiva, às opiniões de H; (3) – demonstrações emocionais – também ocorrem com regularidade em interações do tipo, seja falaciosamente ou mediante ofensas proferidas por interagentes em geral, assim evocando (1) novamente para uma interação onde este tomaria a função de S; o tópico (5) – trazer boas ou más novas sobre outrem - é de potencial relevante quanto as FTAs. Pensamos em alguém

⁹ Expressions of disapproval, criticism, contempt or ridicule, complaints and reprimands, accusations, insults (S indicates that he doesn't like/want one or more of H's wants, acts, personal characteristics, goods, beliefs or values) contradictions or disagreements, challenges (S indicates that he thinks H is wrong or misguided or unreasonable about some issue, such wrongness being associated with disapproval) (...) expressions of violent (out-of-control) emotions (S gives H possible reason to fear him or be embarrassed by him) irreverence, mention of taboo topics, including those that are inappropriate in the context (S indicates that he doesn't value H's values and doesn't fear H's fears) bringing of bad news about H, or good news (boasting) about S (S indicates that he is willing to cause distress to H, and/or doesn't care about H's feelings); raising of dangerously emotional or divisive topics, e.g., politics, race, religion, women's liberation (S raises the possibility or likelihood of face-threatening acts (such as the above) occurring; i.e., S creates a dangerous-to-face atmosphere); blatant non-cooperation in an activity — e.g., disruptively interrupting H's talk, making non-sequiturs or showing non-attention (S indicates that he doesn't care about H's negative- or positive-face wants) use of address terms and other status-marked identifications in initial encounters (S may misidentify H in an offensive or embarrassing way, intentionally or accidentally) (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 314).

pode relacionar uma promoção no trabalho, por exemplo, com um posicionamento político aberto, porém, com o filtro de conteúdo a ser publicado quanto a assuntos referentes a pessoa presente na maioria das redes sociais, achamos a ocorrência dessa mais comum entre desavisados; (8) – uso de pronomes de tratamento – se aplica de uma maneira um pouco diferente da proposta pelo autor.

A relação entre (4) e (8) são muito próximas já que o uso de pronomes de tratamento pode ter o fim de constranger. (8), no entanto, nas palavras do autor, trata deste tópico de maneira específica, logo, o uso deste item como ironia e/ou ofensa entre interagentes foi tratado separadamente.

O autor aponta que “(...) algumas FTAs ameaçam ambas as faces positivas e negativas intrinsecamente (...)” ¹⁰(BROWN; LEVINSON, 1999, p. 314, tradução nossa). Por esse motivo preferimos não propor alterações na listagem inicial dos mesmos e tentar tratá-los isoladamente quando possível. O único tópico que não colocamos na lista foi o (7) pois, tratando-se de uma comunicação assíncrona, isso só seria possível por meio de spam e, ainda assim, não impediria o S de entregar a mensagem a qualquer H. Assim, a partir destas possíveis aplicações da *face* e das FTAs no meio digital, faremos a interpretação dos dados da pesquisa.

3. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS, RESSALVAS E INCURSÕES

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário digital com um total de trinta candidatos composto de perguntas abertas e

fechadas, de acesso livre a todos que tivessem mais de 18 anos. Ademais, é importante frisar que todas as perguntas feitas aos participantes possuíam uma opção de resposta aberta com algumas outras sugestões previamente definidas. Dividimos, então, a interpretação dos dados em duas partes. A primeira, em que os interagentes desfazem a ligação, interagentes como S, e a segunda, em que tem a mesma desfeita, interagente como H.

3.1. Interagentes como S

Iniciamos nossa pesquisa, então, a fim de descobrir se os interagentes já haviam desfeito uma amizade digital. Menos de 10% alegou não ter feito isso. Quando perguntados (ver tabela 3) sobre os motivos, estes variaram. Na tabela, os resultados mostraram que a maioria dos entrevistados se afastaram por opiniões conflitantes. Isto é um indicativo claro de quase todos os itens da tabela 2, exceto pelas opções (7) – falta de cooperação -, ou (5) – boas/más novas expostas publicamente sobre H. As outras incidências foram referentes falta de intimidade e/ou falta de contato, retornando aos FTAs relativos à *face negativa* quanto ao item (1) ou (5); ainda neste tópico, houve respostas quanto ao conteúdo postado pelos excluídos.

Neste caso, o que há em jogo é uma relação de troca. A permanência numa rede de contatos pode ter a ver com a relevância dos tópicos que S gosta de tratar em sua rede. Como levantando em hipótese na segunda sessão do trabalho, confirmando que podem haver interesses negociáveis em uma rede além do contato que

¹⁰ “[...] some FTAs intrinsically threaten both negative and positive face (...)” (BROWN; LEVINSON, 1999, p. 314)

deseja se estabelecer. Em contrapartida, alguns dos entrevistados alegaram não excluir pessoas de sua rede. Um dos motivos é a irrelevância da rede social do entrevistado, justificado com a indicação “não desfazer por preguiça”. O outro grupo de entrevistados, porém, afirmou que achavam rude excluir pessoas de suas redes sociais. Acreditamos que estas pessoas não o façam para preservar sua *face* a fim de evitar uma possível situação desagradável.

Partindo do pressuposto que podem haver consequências para este rompimento, procuramos saber se houve retaliação na vida real. 29% afirmou ter sofrido alguma espécie de consequência, indicando que as FTAs digitais **podem** ter muita importância, quase como FTAs reais, para determinados interagentes. Nos dados gerados em nossa pesquisa, parte dos interagentes que desfizeram a ligação foram tratados de forma rude, enquanto outros alegaram que cessaram as interações com os envolvidos fora das redes e por fim, um deles reportou sentimento de estranheza entre os interagentes ao encontrá-los pessoalmente; é razoavelmente fácil imaginar reações como essas em interações que agredem a integridade da *face* dos integrantes numa interação cara a cara, mas interessante observar como o simples ato de afastamento de uma rede social pode acarretar tais resultados.

3.2. Interagentes como H

Perguntamos se os participantes da pesquisa já haviam tido uma amizade desfeita em redes sociais, uma vez que desfazer uma ligação pode ameaçar a integridade da *face* de outrem, ter a amizade desfeita aplica-se igualmente ao entrevistado. Muitos dos participantes alegaram

que já haviam tido uma amizade desfeita, sendo que poucos (<10%) afirmaram que não e (~16%) afirmaram que não sabiam se isso já havia acontecido.

Ao serem questionados sobre seus sentimentos quanto ao ato de ter a amizade desfeita, houve reações diversas. A maioria dos entrevistados (56%) alegou indiferença, ou por conta do meio que, por ser digital, não as causava preocupação. Porém, aproximadamente um quarto dos participantes alegou alguma espécie de desconforto ou surpresa. Dentre estes, o resultado mais comum foi o descontentamento com o rompimento, mas sem buscar satisfação, cremos que a fim de preservar a própria *face* contra uma possível demonstração de sentimentos descomedida.

Uma das incidências foi referente ao conteúdo, em que a pessoa desconfiou que não oferecia muito à rede de S, retomando o apontamento na sessão anterior referente à ligação como oferta. Por fim, houve uma incidência referente a alívio pela ligação ter sido desfeito. Achamos esta curiosa, ainda que tenha sido uma das opções previamente delineadas, pois parece, ao nosso ver, uma tentativa de preservação da *face* até a última instância: não ameaçar a *face* de outrem sem perder os itens positivos da própria.

A partir das ideias do parágrafo anterior acreditamos que o ato de criar uma ligação online pode ser mais do que uma ligação informal, sendo também, em resposta à nossa pergunta inicial, um mecanismo de validação da vida real: se firma um contrato tácito em que há uma afirmação categórica – eu conheço esta pessoa – e ao desfazê-lo, muitos parecem se eximir da responsabilidade de interação com o ex-colega ainda que, na realidade, ambas já tenham interagido inúmeras

vezes sem conflitos. Não obstante, com o intenso fluxo de implementação de interações reais para o mundo digital (ex: pagamento de contas, pedido de emissão de documentos, cursos tipicamente presenciais sendo oferecidos digitalmente, etc.), a ideia se reforça: a interação digital tem, a cada dia que passa, grande valia social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um estudo inicial, este artigo reflete sobre interações digitais e também sobre a transposição dos conceitos de *face* e das mais típicas FTAs para meios que ainda necessitam de estudos conceituais, éticos e teóricos. O que os dados demonstraram é que as redes sociais podem atuar como um mecanismo de validação de relações e de manutenção de aspectos da face. Mas, indo mais além, como essa dinâmica vai se firmando?

Antevemos, ainda, outras questões referentes a esses meios que ainda não de ser desvendados. Tratamos das FTAs, por exemplo, mas não tratamos das dinâmicas de polidez que

podem resultar destes atos. Como isso aplica aos conceitos de *polidez positiva e negativa*? É possível computar o peso das FTAs como no trabalho original de Brown e Levinson (1999)? Como ficam as dinâmicas ritualísticas de Goffman (1967; 1999) para a retratação de um dos interagentes? Seriam elas possíveis só no mundo real, ou já existe uma maneira de tratá-las no digital?

Enfim, a aplicabilidade dos conceitos que decidimos investigar demonstrou-se possível, pois constatamos uma valoração significativa para as interações digitais e, por esse motivo, também uma necessidade, dada o estado inicial da polidez digital citado na introdução, de mais estudos interacionais neste âmbito. Acabamos por confirmar que interações digitais têm caráter validativo e merecem aprofundamento. Porém, considerando a brevidade deste estudo e as questões prévias, deixemo-las como pontos a serem respondidos. Ao mesmo tempo, estamos convictos de que nossas breves incursões podem vir a ser úteis para outros que desejem desvendar não só estas, mas também outras perguntas relacionadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto nº 12.965, de 23 de Abril de 2014. Marco civil da internet, Brasília, DF, 2019. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm> acesso em 16 de Julho de 2019.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. Politenesse: some universals in language usage. In: JAWORSKI, A. COUPLAND, N. *The Discourse Reader*, London; New York: Routledge, 1999.

CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. *The*

Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness. USA: Palgrave Macmillan, 2017.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. On-face work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: JAWORSKI, A. COUPLAND, N. *The Discourse Reader*, London; New York: Routledge, 1999.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS

Tabela 3 – Questionário de entrevista e respostas obtidas¹¹

1 Qual a tua faixa etária?	2 Você já desfez alguma amizade em redes sociais?	Por qual motivo você desfez a amizade?
30-40	Sim	Não nos falávamos muito.
30-40	Sim	O conteúdo da pessoa era pouco relevante
18-30	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
18-30	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
30-40	Não	Não desfaço amizades online. Não é rude, mas tenho preguiça.
30-40	Sim	Não nos falávamos muito.
40-50	Sim	Não tínhamos muita intimidade
50-60	Não	Não desfaço amizades online, acho rude.
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
50-60	Sim	Não tínhamos muita intimidade
18-30	Sim	Brigamos
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
40-50	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
18-30	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
18-30	Sim	Não tínhamos muita intimidade
40-50	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
30-40	Sim	Não tínhamos muita intimidade
30-40	Sim	O conteúdo da pessoa era pouco relevante
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
18-30	Sim	O conteúdo da pessoa era pouco relevante
40-50	Não	Não desfaço amizades online, acho rude.
50-60	Não	Não desfaço amizades online, acho rude.
40-50	Sim	O conteúdo da pessoa era pouco relevante
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
30-40	Sim	Não nos falávamos muito.
30-40	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
50-60	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
18-30	Sim	Nossas opiniões eram muito diferentes/conflitantes
3 A pessoa com quem você desfez a amizade veio falar contigo?	4 Esta pessoa queria uma satisfação?	5 Houve alguma consequência na vida real? Qual? e.x.: Sim, a pessoa deixou de falar comigo pessoalmente, também.
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Não

¹¹ Nem todos os participantes responderam todas as perguntas.

Não.	Não.	Não
Sim.	Sim.	Nenhuma
Não.	Não.	Sim, pessoalmente não fala mais comigo
Não.	Não.	Não.
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Nunca tive esse problema
Não.	Não.	Foi rude por eu ter desfeito a amizade
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Sim, não nos falamos mais
Não.	Não.	Não.
Não.	Não.	Parou de falar comigo
Não.	Não.	Sim
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Não houve consequência
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	Não houve
Sim.	Sim.	Sim
Não.	Não.	Eram meu irmão e a esposa dele. Eles passaram a me evitar. Quando nos encontramos, o clima (da arte do meu irmão) era meio awkward.
Não.	Não.	
Não.		
Não.		
Não.	Não.	Não me lembro
Sim.	Sim.	
Não.	Não.	Não. Não conhecia pessoalmente e nem tínhamos o mesmo ciclo de convívio.
Não.	Não.	Não
Não.	Não.	
Não.	Não.	Deixei de olhar pra foto da pessoa, o que era um alívio.
6 Você já teve a amizade desfeita em alguma rede social?	7 Como você se sentiu ao saber que a amizade havia sido desfeita?	8 Você gostaria que a pessoa tivesse conversado contigo?
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Não. Não ligo pra isso.
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Não. Não ligo pra isso.
Não sei.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não. Não ligo pra isso.
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não. Não ligo pra isso.

Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não. Não ligo pra isso.
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Não. Não ligo pra isso.
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não. Não ligo pra isso.
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não. Não ligo pra isso.
Não.	Nunca passei por isso	Outros.
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Sim.
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não
Não sei.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não.
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Sim.
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não
Não sei.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não sei
Não.		Não
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Não.
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não
Sim.	Me senti chateado(a), mas, não falei nada com a pessoa.	Não. Eu sinceramente acho que desfazer amizade em mídia social tinha que ser visto como no big deal, e não se sentir pessoalmente atacado pelo "unfriend" (apesar de me sentir chateado que a pessoa provavelmente não gostou do conteúdo das minhas publicações).
Sim.	Não senti nada, era só uma rede social.	Não
Não sei.	Não passei por essa experiência.	Difícil essa resposta kkkkk
Não.		
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Nunca
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	

Sim.	Fiquei surpreso a princípio. Depois entendi que era uma rede social e que as pessoas querem conteúdo relevante para elas.	Não. Pelo menos comigo foram casos de desconhecidos pessoalmente ou parentes distantes. Apenas um caso foi de alguém próximo mas depois a pessoa fez outra conta e me adicionou como amigo, não entendi mas mesmo assim aceitei a solicitação.
Não sei.		Não
Sim.	Senti alívio. Não queria dar o primeiro passo.	
Sim.	Nada, a pessoa era indiferente.	Não.